P. MIGUEL DE OLIVEIRA

EPIGRAFIA CRISTÃ EM PORTUGAL

edições
letras e artes

4

EPIGRAFIA CRISTÃ
EM PORTUGAL

P. MIGUEL DE OLIVEIRA

EPIGRAFIA CRISTÃ EM PORTUGAL

edições
letras e artes
LISBOA - 1941

Ao elaborar a História Eclesiástica de Portugal, notei a falta de um estudo actualizado da nossa epigrafia e arqueologia cristã. Sem competência especial para preencher essa lacuna, dei-me, todavia, ao cuidado de reünir os textos das inscrições tumulares, recolhidos em diversas obras ou ainda inéditos no Museu Etnológico. Foi publicada a colectânea na secção de «Letras e Artes» das Novidades, em 3 de Novembro de 1940, e reproduz-se agora neste opúsculo com algumas modificações e aditamentos.

O assunto merecia decerto maior desenvolvimento, e o ideal seria publicar as gravuras ou ao menos apresentar os textos em forma epigráfica. Por facilidade de composição, dão-se apenas em leitura corrente, com desdobramento das abreviaturas, e só se marcam entre colchetes as parcelas conjecturalmente reconstituídas. Segue-se a ordem cronológica, por não haver dificuldade em agrupar de qualquer outro modo tão diminuto material.

Com todos os defeitos que se lhe possam notar, esta colectânea prestará alguns serviços, já porque são

raras entre nós as obras de Hübner consagradas a tal especialidade, já porque se divulgam algumas inscrições inéditas. Servisse ela para determinar os competentes a publicar os seus estudos, e não seria perdido o tempo e trabalho que custou.

NOÇÕES GERAIS DA EPIGRAFIA CRISTÃ

Chama-se *epigrafia* o estudo das inscrições, e reserva-se o nome de *inscrição* para o texto gravado em matéria dura, pedra, mármore ou metal.

Os povos da antiguidade confiavam ao cinzel e ao buril a memória dos acontecimentos mais importantes. Há histórias que não têm outra base além da que subministra a epigrafia, e há povos que não deixaram outros monumentos da sua língua e literatura. O conjunto dos textos epigráficos, sôbre assuntos legislativos, diplomáticos e religiosos, permitiria por si só a reconstituïção de alguns períodos da história da Grécia e de Roma.

As inscrições que mais nos interessam são as latinas. Costumam classificar-se em cinco espécies: funerárias, monumentais, miliárias, religiosas e pròpriamente históricas. De tôdas há espécimes em Portugal. Os elementos que o seu estudo tem incorporado na história, justificam plenamente o cuidado com que os eruditos as vão recolhendo.

As inscrições funerárias, se não são as mais ricas de conteúdo histórico, são talvez as que conservam

mais importantes revelações sôbre a vida. Respeitados por tôdas as religiões, os túmulos guardam melhor que os próprios templos os vestígios da civilização. Desaparecidos outros monumentos, vamos encontrar numa gruta ou pirâmide ou lápide sepulcral a solução de um problema histórico, os restos de uma ciência, o princípio de uma arte, o único texto de uma literatura.

A linguagem das inscrições tumulares é, em geral, simples e breve. Pode lamentar-se que os povos de remotas eras tivessem tão pouca consideração pelos sábios do nosso tempo, que lhes não legassem textos mais desenvolvidos. Mas é forçoso confessar que êles possuíam em mais alto grau o sentido das conveniências. Se compararmos a literatura dos modernos epitáfios com as antigas inscrições lapidares, são estas que nos encantam precisamente pela concisão e simplicidade. O respeito votado aos mortos não consentia que junto dêles se sentasse a vaidade dos vivos a gravar indiscretos elogios. E quem cuidava de erigir o próprio sarcófago, não pretendia revelar o seu talento na composição dos letreiros.

Da epigrafia funerária resta abundantíssimo material em tôdas as antigas províncias do Império romano. Basta-nos entrar no primeiro pavimento do nosso Museu Etnológico, para nos sentirmos transportados a imensa necrópole, colocada sob a protecção dos deuses manes — *Diis Manibus Sacrum*.

O espólio cristão é muito mais reduzido, até porque

abrange menor período de tempo. Marca-se geralmente como limite da epigrafia latina cristã o império de Carlos Magno († 814), mas as inscrições aparecidas em Portugal têm como datas extremas os anos de 465 e 729. Das 300.000 inscrições antigas que chegaram até nós, apenas se contam como cristãs umas 50.000.

Embora lhe não caibam as honras de iniciador, quem lançou as bases científicas da arqueologia cristã foi João Baptista de Rossi, nos seus livros *Inscriptiones christianae Urbis Romae* e *Roma sotterranea,* cujos primeiros volumes apareceram respectivamente em 1861 e 1864. Pelo mesmo tempo, a Academia de Berlim começou a publicar, sob a direcção de Mommsen, o seu monumental *Corpus Inscriptionum Latinarum,* em que se destinava lugar especial à epigrafia cristã. Le Blant recolheu as inscrições cristãs da França, Egli as da Suíça, Krauss as dos países germânicos, Hübner as da Hispânia e as da Grã-Bretanha.

Comissionado pela Academia de Berlim, o Dr. Emílio Hübner veio à Espanha e a Portugal em 1861 e fêz largo relatório de tudo que encontrou digno de menção. A parte relativa ao nosso país foi traduzida e publicada em 1871, pela Academia Real das Sciências de Lisboa, com o título de *Notícias Archeologicas de Portugal.* Neste mesmo ano de 1871, publicava Hübner em Berlim o volume *Inscriptiones*

Hispaniae Christianae em que recolhia umas 288 espécies, além de 104 consideradas falsas ou suspeitas.

Os trabalhos do grande epigrafista alemão trouxeram decisivo impulso aos estudos arqueológicos em ambos os países da Península. No aspecto que especialmente nos interessa, deve salientar-se a actividade de Estácio da Veiga, que começou a estudar a lapidária cristã de Mértola, e sobretudo a do Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos que, graças à sua vastíssima cultura, seguro método e longa vida, deixa obras que fariam a honra de uma academia. Com os elementos novamente recolhidos, Hübner pôde publicar em 1900 o *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum,* obra ainda mais volumosa que a primeira.

Diga-se de passagem que nenhum dêstes dois livros se encontra na biblioteca da nossa Academia das Ciências, onde aliás existe o *Corpus Inscriptionum*. Na Biblioteca Nacional, só há o primeiro volume. Devo ao Sr. Dr. Leite de Vasconcelos a consulta dos próprios exemplares que lhe foram oferecidos por Emílio Hübner.

* * *

Sôbre as particularidades da epigrafia cristã, escreve o historiador René Aigrain: «Repugnavam aos cristãos, sobretudo na época anterior à paz da Igreja, as fórmulas faustosas. Os seus mais antigos epitáfios reconheciam-se pela brevidade: um nome, às vezes acompanhado de um símbolo (âncora, palma, pomba,

cordeiro), de uma data (pelos nomes dos cônsules), de uma breve aclamação... Depois o formulário complica-se, sem deixar inteiramente a simplicidade das primeiras idades: o dia da morte ou do funeral *(depositio)*, a idade do defunto, um elogio discreto. Êste elogio torna-se mais pomposo depois da paz da Igreja; o monograma (X e P entrelaçados, iniciais do nome de Cristo em grego) substitui cada vez mais os antigos símbolos; estabelece-se uma retórica com protocolos iniciais que têm grande difusão (a princípio *hic jacet*, equivalente ao nosso «aqui jaz», com complementos cada vez mais extensos, até *in hoc tumulo requiescit in pace bonae memoriae*, «neste túmulo descansa em paz F..., de boa memória»). São bastante raras as inscrições que, nas diferentes épocas, se afastam francamente dêstes tipos geralmente aceitos».

Quanto à epigrafia hispânica, diz Zacarias Garcia Villada que «os gravadores cristãos começaram por suprimir a fórmula *Diis Manibus* e quanto cheirasse a pagão, substituindo-o paulatinamente pelo nome do defunto, algum qualificativo alusivo à sua vida santa, tempo que viveu, uma fórmula para expressar a morte, o nome do dedicante e algum sinal cristão».

«O epíteto mais freqüente, que indicava a condição de cristão do defunto, era o de *Famulus Dei, Famula Christi*, substituído às vezes pelo de *Fidelis*. Também se encontram os de *Virgo* e *Bonae Memoriae*, êste comum aos gentios. Os anos, meses e dias que viveu, especificavam-se com a frase: *vixit annos...*,

menses..., *dies*... Quando se não conhecia com precisão algum dêstes dados, acrescentava-se a atenuante *plus minus*. Com a mesma exactidão que o tempo da vida, costumava gravar-se o da morte, empregando para isso a fórmula solene *requievit, recessit* ou *receptus in pace* ou *in pace Domini,* em tal dia e tal ano. Concedida a paz à Igreja, não se recataram já os cristãos de adornar os sepulcros com sinais referentes à sua religião. Foram êstes a cruz simples, o crísmon ou monograma constantiniano, já só, já com o alfa e o ómega aos lados, e a pomba, símbolo da inocência e da alma que voa ao céu, segundo testemunho de Prudêncio».

A mais importante bibliografia sôbre êste assunto pode ver-se na *Epigrafia Cristiana,* do Prof. Orazio Marucchi, excelente manual consagrado especialmente às inscrições romanas, mas em que se colhem interessantes informações de carácter geral.

Diz êste autor que a fórmula *depositus* ou *depositio* é indicação segura de se tratar de uma inscrição cristã, porque essas palavras incluem o conceito da esperada ressurreição. O *situs* usado pelos pagãos exprime o conceito do abandono eterno num lugar, ao passo que o *depositus* indica que o corpo é confiado temporàriamente à guarda da terra, até ao dia da ressurreição universal. A data gravada a seguir vem do costume de celebrar os aniversários dos defuntos, o qual deu origem à solene comemoração dos mártires.

Nos primeiros tempos, os cristãos usaram nas ins-

crições sinais simbólicos, para não exporem abertamente as suas crenças religiosas aos olhos dos pagãos. Alguns dêsses sinais ideográficos teriam derivado do simbolismo egípcio. O da pomba, que significa a alma desprendida dos ligames do corpo, poderia relacionar-se, segundo Marucchi, com o emblema da ave chamada *Ba* na escrita hieroglífica, que significa a alma do defunto.

O monograma formado com as duas primeiras letras da palavra *Cristo* na língua grega — ΧΡΙΣΤΟΣ — é anterior aos tempos de Constantino, mas foi chamado «constantiniano» porque êsse imperador o colocou no seu lábaro como insígnia militar. Pelos fins do século IV, passou por notável mudança e começou a representar-se sob forma muito mais parecida com a da cruz e que por isso se chama «cruz monogramática»: é a letra P com um traço a meio da haste.

Nas antigas inscrições, tanto pagãs como cristãs, as palavras eram separadas por interpunções ou pontos de formas variadíssimas: pequeninos triângulos, pontos redondos, ou fôlhas semelhantes às da hera, chamadas pelos antigos *hederae distinguentes*.

As letras Λ e Ω (alfa e ómega), segundo o simbolismo derivado do Apocalipse, significam o *princípio* e o *fim;* indicam a crença do defunto no Filho de Deus, princípio e fim de tôdas as coisas.

* * *

Em Portugal, a comunidade cristã de que restam

mais abundantes monumentos funerários é a de Mértola: pertencem-lhe 22 inscrições desta colecção. O Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos dá os seguintes pormenores:

«Às inscripções de *Myrtilis* correspondia um vasto cemiterio situado no local que hoje se chama Rocio do Carmo, na villa de Mertola, em parte explorado por Estacio da Veiga, em parte por mim, cemiterio que constava de sepulturas de diversos typos, umas d'ellas feitas de pedra, outras abertas em fragas, outras na terra simples: os cadaveres eram postos em decubito dorsal, geralmente sem objectos ao pé; as campas estavam muito fechadas, por causa da crença de que os corpos deviam ficar bem conservados para poderem ressuscitar no dia do juízo final» (!). «Para terminar, notarei que algumas das lapides de Mertola que citei a cima se assemelham, no mysticismo da sua ornamentação, a certos fragmentos esculturaes dos primeiros tempos da idade-media apparecidos no bispado *elborense*, no local em que esteve o santuario do deus Endovellico, santuario que, segundo se disse nas *Religiões*, II, 145-146, foi transformado em templo christão» (*Religiões da Lusitânia*, III, 582-583 e 588).

Estácio da Veiga diz-nos, por sua vez, que tôdas as inscrições apareceram gravadas em mármores visìvelmente extraídos de edifícios antigos. O mesmo acontece com as de Silveirona (Estremoz) onde o cemitério cristão assentaria sôbre outro da época romana.

No referido Rossio do Carmo, Estácio da Veiga encontrou «uns restos de grossa parede e muitos pedaços de vários materiais de construção» que lhe pareceram vestígios de uma igreja cristã. Foi junto dêles que apareceu a sepultura do presbítero Satírio, inumado talvez na própria igreja que governou durante treze anos.

«Se o elemento christão foi alli introduzido pelos suevos, pelos wisigodos, ou já anteriormente sob a influencia do proselytismo ossonobense, por isso que todo o territorio d'aquella parte da Lusitania pertencia á famosa Ossonoba, cujos pastores evangelicos já eram celebres nos concilios da Hispanha» — não o decidiu êsse investigador. Inclinava-se, todavia, a supor «que a influencia christã de Ossonoba poderia, desde o terceiro seculo, fazer-se sentir entre os habitantes de Myrtilis». E parecia-lhe mais cristão do que pagão um *dolium*, monumento em forma de barril ou pipa, encontrado em Mértola, embora ostentasse as siglas *D. M. S.*, pois estas aparecem em alguns monumentos cristãos. O Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos suspende o seu juízo a respeito do carácter cristão dos monumentos dessa espécie, bem como de um sarcófago ornado de estrígiles, vindo de Évora para o Museu Etnológico.

As lápides cristãs, coligidas neste opúsculo, são comummente classificadas de visigóticas pelos historiadores. Assim é, se atendermos a que a Hispânia era governada nessa época pelos reis visigodos. Mas

tudo leva a crer que a maior parte provêm de cristandades fundadas na época romana e se referem a hispano-romanos católicos. O que mais nos confirma nesta idéia é serem romanos quási todos os nomes.

Os antropónimos masculinos são os seguintes, por ordem alfabética: *Abundantius, Adiutor, Adulteus, Afranius, Andreas, Britto, Castor, Eistellus, Exuperius, Filex, Flavianus, Glandarius, Hilarinus, Marturius, Optatus, Otfridus, Paulus, Protheus, Romanus, Sabinus, Satirio, Savinianus, Serenianus, Severus, Simplicius, Sinticio, Sisenandus, Taumastus, Tyberius, Veranianus.*

Os femininos são: *Amanda, Auriola, Domitia, Donata, Flaviana, Florentia, Iesabille, Mannaria, Orania, Remismuera, Rogata, Rufina, Senatrex, Servanda, Suinthiliuba, Talassa, Thuresmude, Venantia.*

Tratou da origem dêstes nomes o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, na *Antroponímia Portuguesa*, pág. 24 e seg. Raros são de origem grega; por ex.: *Andreas* que, por ser nome de um apóstolo, entrou logo para o calendário cristão; *Orania* que, no entanto, se encontra também no cemitério de Pretextato (Marucchi, *Epig. Crist.*, pág. 242); *Satirio, Sinticio*... Raros ainda, os de proveniência germânica: *Sisenandus, Mannaria, Suinthiliuba, Otfridus, Thuresmude*... Predominam os nomes romanos, muitos dos quais, como os de *Abundantius, Castor, Domitia, Felix, Florentius, Romanus, Simplicius, Tiberius*..., aparecem também nas inscrições cristãs estudadas por Marucchi.

Nas inscrições portuguesas, apenas se mencionam profissões religiosas. Aparecem-nos seis presbíteros, um leitor (?), um ostiário, um clérigo e um «princeps cantorum» ou chantre da igreja de Mértola. Das mulheres, sabemos que eram casadas *Venantia* e *Thuresmude,* mas só parece indicar-se a profissão religiosa de *Florentia,* «virgo Christi».

A aclamação mais freqüente é a de *famulus Dei,* que se pode contar dezassete vezes, ao passo que só uma vez se encontra *famulus Christi.* Para as mulheres, aparece-nos seis vezes *famula Dei,* três *famula Christi,* uma *Christi famula* e uma *religiosa famula Christi.* Ocorre por duas vezes a designação de *vir honestus,* e só uma a de *honesta femina.* Domitia, que morreu criança, é chamada simplesmente *puella;* Donata, falecida aos 22 anos, *puella Christi.* O *bonememoriae* só se encontra em duas lápides de Chelas.

Com serem em pequeno número, pois os exemplares completos não passam de uns 40, as lápides encontradas em Portugal constituem, sob muitos aspectos, um espólio precioso. Para nós, os cristãos, têm ainda mais interêsse do que para os simples arqueólogos: falam-nos de remotos antepassados na Fé, que receberam os mesmos Sacramentos, professaram o mesmo Credo e adormeceram no Senhor com igual confiança na sua misericórdia infinita.

INSCRIÇÕES LATINO-CRISTÃS ENCONTRADAS EM PORTUGAL

N.º 1 — MÉRTOLA — ANO 465

Donata puella Christi vixsit annos XXII requievit in pace Domini die III nonas Iulias era DIII.

«Donata, serva de Cristo, viveu 22 anos. Descansou na paz do Senhor aos 3 dias das nonas de julho da era de 503» (5 jul. 465).

Esta inscrição, ornada superiormente com o crísmon à esquerda e uma cruz grega à direita, encontrava-se numa pedra de mármore branco, que se extraviou. Estácio da Veiga conservou-lhe o desenho, que publicou na *Memória das Antiguidades de Mértola*, n.º 1-A; daqui a reproduziu Hübner, em *I H C S*, n.º 306.

N.º 2 — MÉRTOLA — ANO 472

Orania famula Dei vixit annos tres requievit in pace die idus Novembres era DX AS.

«Orânia, serva de Deus, viveu 3 anos. Descansou em paz no dia dos idos de novembro da era de 510» (13 nov. 472).

A lápide, de mármore branco, encontra-se no Museu Etnológico; estava sôbre uma sepultura, descoberta quando se fêz o corte da estrada de Mértola para Beja, quási em frente da ermida de Santo António. Gravuras na citada *Memória*, n.º 3, e na *His-*

tória de Portugal de Barcelos, I, pág. 383. A inscrição é cercada por uma coroa e tem os mesmos símbolos da anterior. Estácio da Veiga leu era de 511; mas Hübner, *I H C S* n.º 310, diz que é com certeza 510.

N.º 3 — MÉRTOLA — ANO 489

Satirio presbitero. Ministravit in presbiterio annos XIII. Recessit in pace Domini Nostri Jesu Christi die VI nonas Martias era DXXVII. Memor nostri requiescet.

«Ao presbítero Satírio. Serviu no presbitério 13 anos. Descansou na paz de Nosso Senhor Jesus Cristo aos 6 dias das nonas de março da era de 527. Descansa, lembrando-se de nós» (2 março 489).

Está gravada esta inscrição numa «grande e espêssa laje de mármore com manchas azuladas», que Estácio da Veiga (n.º 4) diz ter aparecido no Rossio do Carmo, em Mértola, e que se encontra agora no Museu Etnológico. «É todo simbólico o lavor desta lápide. Parece figurar o pórtico de um templo com duas colunas, cujos capitéis, tendo por ornato o monograma de Cristo em forma de X, de todos o mais simples e antigo, são ligados por um arco de volta redonda». Sob o arco, o crísmon ladeado por alfa e ómega; em baixo, uma cruz, com as mesmas letras gregas. Hübner, n.º 312, interpreta o final como acima se transcreve. Zacarias Garcia Villada dá a tradução,

na *Historia Eclesiastica de España*, tômo 1, 2.ª parte, pág. 327, com o nome de Satúrio. No ano de 476, havia, pois, em Myrtilis uma igreja cristã que êsse presbítero começou a pastorear.

N.º 4 — MÉRTOLA — ANO 494

XP Amanda, famula Christi, vixit annos plus minus XXXII, menses V; requievit in pace Domini sub die kalendas Martias era DXXXII.

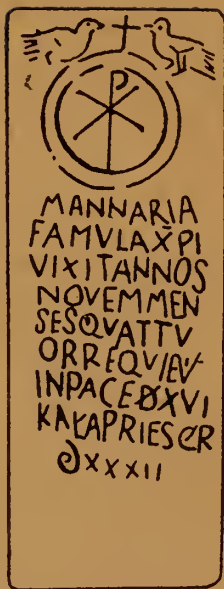
«Amanda, serva de Cristo, viveu pouco mais ou menos 32 anos e 5 meses. Descansou na paz do Senhor no dia das calendas de março da era de 532» (1 março 494).

Lápide no Museu Etnológico; descrita em *O Archeologo Português*, vol. III, pág. 290, e em Hübner, n.º 303. A inscrição começa pelo crísmon e é sobrepujada por uma cruz floreada inscrita em círculo.

N.º 5 — MÉRTOLA — ANO 494

Mannaria famula Christi vixit annos novem menses quattuor requievit in pace die XVI kalendas Apriles era DXXXII.

«Manária, serva de Cristo, viveu 9 anos e 4 meses. Descansou em paz aos 16 dias das calendas de abril da era 532» (17 março 494).

A lápide encontra-se no Museu Etnológico, vinda de Mértola onde foi encontrada por um pedreiro entre o Rossio do Carmo e a ermida de Santo António (Estácio da Veiga, n.º 5; Hübner, n.º 309). Gravura na *História de Portugal* de Barcelos (I, 383) e na *História Eclesiástica de Portugal* (pág. 40). No alto, segundo Estácio, «representa-se o mundo, figurando o *princípio* e o *fim* o alfa e o ómega, entre os quais se vê estampado o monograma de Cristo. O globo é timbrado pela cruz da redenção, cujos braços beijam duas pombas, que do Oriente e do Ocidente vieram saüdar o troféu sagrado, como divinas mensageiras da paz, *divinae pacis praeco*».

N.º 6 — MARIM — SÉC. V

Rogata famola Dei vixit annos plus minus LV, rece[*ssit*] *i*[*n pace*...

«Rogata, serva de Deus, viveu cêrca de 55 anos. Descansou em paz...»

A lápide, mutilada, procedente de Marim

(Olhão), está no Museu Etnológico; descrita em *O Archeologo Português*, I, 178, e Hübner, n.º 294. O Sr. Dr. Leite de Vasconcelos diz que é talvez do século V.

N.º 7 — MÉRTOLA — ANO 510

Auriola honesta femina vixit annos XXVII requievit in pace III idus Maias era DXLVIII.

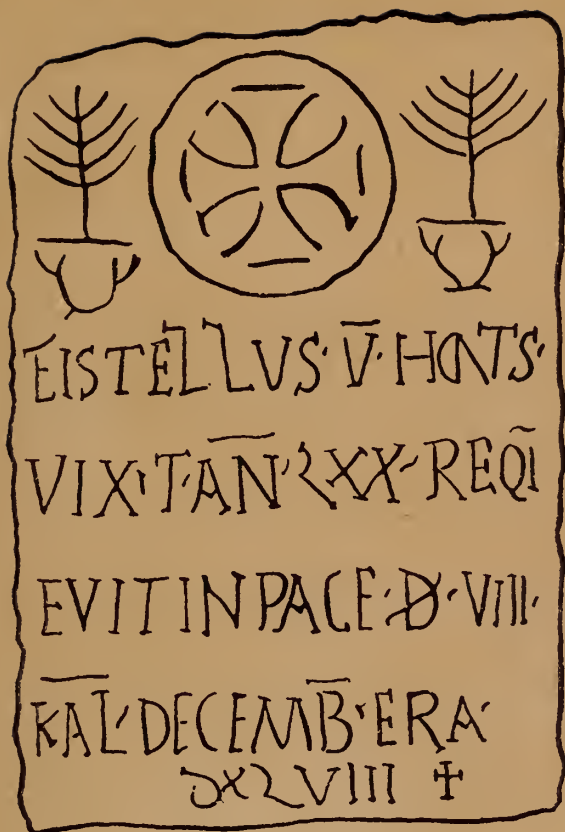
«Auríola, mulher honesta, viveu 27 anos. Descansou em paz a 3 dos idos de maio da era de 548» (13 maio 510).

Lápide no Museu Etnológico. No alto, duas pombas afrontadas, ladeando a cruz inscrita num círculo.

N.º 8 — MÉRTOLA — ANO 510

Eistellus vir honestus vixit annos LXX. Requievit in pace die VIII kalendas Decembres era DXLVIII†

«Eistelo, homem honesto, viveu 70 anos. Descansou em paz a 8 das calendas de dezembro da era de 548» (24 nov. 510).

Lápide no Museu Etnológico; gravura na *História de Portugal* de Barcelos, I, 321. No alto, cruz inscrita em círculo, cercada por dois vasos com plantas. A legenda termina por uma cruz.

N.º 9 — ARAMENHA — ANO 513

† Optatus famulus Dei vixit annos C i I requievit in pace die VIII kalendas Augustas era DLI

«Optato, servo de Deus, viveu 102 (?) anos. Descansou em paz a 8 das calendas de agôsto da era de 551» (25 julho 513).

Lápide encontrada em Aramenha, perto de Marvão (Hübner, *I H C*, n.° 13); ignoro onde se conserva.

N.° 10 — SILVEIRONA — ANO 517

Sabinus vir honestus vixit annos LXXV requievit in pace die III idus Martias era DLV

«Sabino, homem honesto, viveu 75 anos. Descansou em paz a 3 dos idos de Março da era de 555» (13 março 517).

Lápide no Museu Etnológico; ver n.° 22.

N.° 11 — MÉRTOLA — ANO 518

... *famula Dei vixit annos LXX plus minus requievit in pace Domini diae pridiae kalendas Februarias era DLVI*

«..., serva de Deus, viveu pouco mais ou menos 70 anos. Descansou na paz do Senhor na véspera das calendas de fevereiro da era de 556» (31 jan. 518).

Lápide de mármore, encontrada «quási em frente da ermida de Santo António», quando se abriu a estrada de Mértola para Beja. Com a fractura, desapareceu o nome da defunta. (Estácio da Veiga, n.° 6).

N.º 12 — MÉRTOLA — ANO 522?

Romanus presbiter famulus Dei vixit annos LXXV requievit in pace Domini die XV ka... s era DLX...

«Romano, presbítero, servo de Deus, viveu 75 anos. Descansou na paz do Senhor a 15 das calendas de..., da era de 560...» (ano 522?).

Lápide encontrada no referido Rossio do Carmo; actualmente no Museu Etnológico. «Tem sôbre a inscrição um arco aberto, cingindo dois círculos concêntricos, em que se acha inscrita uma cruz, que figura nos ângulos quatro fôlhas diagonalmente opostas, de forma espatulada e fendidas ao meio da aresta superior, resultantes da configuração da cruz» (Estácio da Veiga, n.º 7; Hübner, n.º 311).

N.º 13 — MÉRTOLA — ANO 525

Andreas, famulus Dei, princeps cantorum sacrosancte aeclisiae Mertilliane, vixit annos XXXVI; requievit in pace sub die terteo kalendas Aprilies era DLX trisis

«André, servo de Deus, chefe dos cantores da sacrossanta igreja Mirtiliana, viveu 36 anos. Descansou em paz a 3 das calendas de abril da era de 563» (30 março 525).

Lápide no Museu Etnológico; gravura na *História*

de Portugal de Barcelos, I, 366; descrição em *O Archeologo Português*, III, 292; *I H C S*, n.º 304. Ornatos semelhantes aos do n.º 3, mas o arco é duplo e quási fechado; dentro do arco, crísmon com alfa e ómega; ao fundo, cruz de braços desiguais com as mesmas letras gregas junto à haste. A inscrição é das mais importantes pelos seus pormenores. O Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, hesitando na interpretação da última palavra, pregunta se poderá entender-se «tri*umphator* (sc. *Daemonis*) sis!». Hübner leu *três*.

N.º 14 — MÉRTOLA — ANO 527

Exuperius ostiarius famulus Dei vixit annos LXX requievit in pace die VII idus Iulias era DLXV

«Exupério, ostiário, servo de Deus, viveu 70 anos. Descansou em paz a 7 dos idos de julho da era de 565» (9 jul. 527).

Conserva-se esta lápide no Museu Etnológico (ver o n.º 30); interpreto por V a última letra da era, mas sem absoluta certeza. Depois dos presbíteros e do chantre, aparece-nos um clérigo de dilatada vida, só com o primeiro grau das ordens menores. O nome é curioso; há um Santo Exupério, companheiro de S. Maurício no comando da Legião Tebana, martirizada no tempo de Maximiano, pelo ano 286.

N.º 15 — MÉRTOLA — ANO 529

Abundantius famulus Dei vixit annos XXVII requievit in pace die VIII kalendas Februarias era DLXVII

«Abundâncio, servo de Deus, viveu 27 anos. Descansou em paz a 8 das calendas de fevereiro da era de 567» (25 jan. 529).

Lápide no Museu Etnológico. O nome usou-se até muito tarde; aparece um «Abundantius presbiter» em documento do ano de 950 (*Dipl. et Ch.*, pág. 35).

N.º 16 — SILVEIRONA — ANO 531

Veran[ia]nus famulus... [vi]xit ann[os...] requie[vit in pa]ce IIII kalendas Iunias era DLXVIIII

«Veraniano (?), servo..., viveu... anos. Descansou em paz a 4 das calendas de junho da era de 569» (29 maio 531).

A inscrição está dentro de um círculo e encimada por uma pequena cruz. Ver os n.os 20 e 22.

N.º 17 — ALENQUER — ANO 532

Flaviana famula Dei requievit in pace die III kalendas Maias era DLXX

«Flaviana, serva de Deus, descansou em paz a 3 das calendas de maio da era de 570» (29 abril 532).

Lápide no Museu Etnológico; descrição e gravura em *O Archeologo Português*, XXV, 249-250. Diz aí o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos: «Esta tábula apareceu no sítio de (ou dos) Colos, freguesia de Aldeia Gavinha, concelho de Alenquer, e adquiri-a para o Museu por intermédio do S.or Abreu Peixoto, de Lisboa, o qual me disse que a pedra aparecera no último quartel do séc. XIX, e que fôra o falecido José de Oliveira Neto, da Merceana, quem a salvara de ir servir de cantaria numa parede. Ignoro se a inscrição já foi publicada ou não em algum jornal ou livro; pelo menos, nas citadas *Inscriptiones*, de Hübner, não o foi».

Ora Hübner publica a inscrição, em *I H C*, n.º 17, mas diz que fôra encontrada num prédio do Barão de Alenquer, a meia légua de Lisboa. E Pinho Leal também a publica, embora com erros de leitura, no *Portugal Antigo e Moderno* (Lisboa, 1875), palavra «Olhalvo» (vol. VI, pág. 229), dizendo-a aparecida em Aldeia Gavinha.

N.º 18 — MÉRTOLA — ANO 537

† *Simplicius presbyter, famulus Dei, vixit annos LVIIII, requievit in pace Domini die VIII kalendas Septembres, era DLXXV*

«Simplício presbítero, servo de Deus, viveu 59 anos. Descansou na paz do Senhor a 8 das calendas de setembro da era de 575» (25 agôsto 537).

A lápide está em Inglaterra. Gravura nas *Religiões da Lusitânia,* do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, vol. III, pág. 583. Descrição e leitura em *O Archeologo Português,* I, 181; Hübner, n.° 313. Ao cimo da inscrição, cruz inscrita em círculo; aos lados, os desenhos de duas pilastras com capitéis; pontos com a forma de fôlha de hera.

N.° 19 — CONDEIXA — ANO 541

Serenianus famulus Dei vixit anus IV et requievit in pace VIII kalendas Decembris era DLXXVIIII

«Sereniano, servo de Deus, viveu 4 anos e descansou em paz a 8 das calendas de dezembro da era de 579» (24 nov. 541).

Esta lápide foi encontrada em 1872, no alicerce da capela do SS.mo Sacramento, em Condeixa-a-Velha (Conimbriga); Hübner, n.° 327.

N.° 20 — SILVEIRONA — ANO 543

Savinianus famulus Dei vixit annos XVIII requievit in pace XV calendas Augustas era DLXXXI

«Saviniano, servo de Deus, viveu 18 anos. Descansou em paz a 15 das calendas de agôsto da era de 581» (18 julho 543).

Esta inscrição encontra-se na mesma estela em que

se lê a do n.º 16, gravada a seguir com menos cuidado. A fractura da pedra pode encobrir uma unidade da era, devendo ler-se 582.

N.º 21 — ÉVORA — ANO 544

Depositio Pauli famulus Dei vixsit annos L et uno, requievit in pace die III idus Martias era DLXXXII

«Funeral de Paulo, servo de Deus. Viveu 51 anos, descansou em paz a 3 dos idos de março da era de 582» (13 março 544).

Inscrição gravada em ardósia. Esteve em casa de André de Resende; em 1783, encontrava-se no Paço episcopal de Beja, de onde veio para Évora, segundo se crê, com o bispo Cenáculo em 1802. Ver: *Notícias Archeológicas de Portugal*, pág. 48; *I H C*, n.º 11; *Catálogo do Museu Archeológico da Cidade de Évora*, por António Francisco Barata, n.º 72; *História de Portugal* de Barcelos, I, 322.

N.º 22 — SILVEIRONA — ANO 544

† *Tala'sa famola Dei*, etc.

A inscrição refere-se a uma serva de Deus, que faleceu, com 44 anos, a 18 de agôsto de 544. Está gravada no verso de uma pedra esculturada romana, encontrada pelo Sr. Dr. Manuel Heleno, actual director

do Museu Etnológico, nas excavações a que procedeu em Silveirona, junto a Estremoz. O espólio de Silveirona está a ser estudado por aquêle ilustre arqueólogo e pelos Srs. Drs. Eusébio Tamagníni e Leite de Vasconcelos. Só depois de publicados os seus trabalhos, ficará divulgado o texto desta e porventura doutras lápides.

N.º 23 — MÉRTOLA — ANO 546

† *Britto presbyter vixit annos LXV, requievit in pace Domini die nonas Agustas era DLXXXIIII*

«Brito, presbítero, viveu 65 anos. Descansou na paz do Senhor no dia das nonas de agôsto da era de 584» (5 agôsto 546).

Encontra-se esta inscrição numa lâmina de mármore que foi enviada de Mértola para Inglaterra. Notícia e leitura em: *Revista Archeológica*, I, n.º 5 (Maio de 1888); *O Archeologo Português*, I, 181; *I H C S*, n.º 305.

N.º 24 — MÉRTOLA — ANO 566

Senatrex famula Dei vixit annos XVIII requievit in pace Domini die tertio decimo kalendas Martias era DCIIII

«Senátrex, serva de Deus, viveu 18 anos. Descansou na paz do Senhor a 13 das calendas de março da era de 604» (17 fevereiro 566).

Lápide no Museu Etnológico. Sôbre a inscrição uma pequena cruz. *Senatrex* parece ser o feminino de *Senator*, Senador.

N.º 25 — MÉRTOLA — ANO 566

Tyberius lictor (?) famulus Dei vixit annos plus minus XIIII mensesqui novem requievit in pace Domini die XIII kalendas Iunias era DCIIII

«Tibério lictor, servo de Deus, viveu pouco mais ou menos 14 anos e 9 meses. Descansou na paz do Senhor a 13 das calendas de junho da era de 604» (20 maio 566).

Lápide no Museu Etnológico. Descrição e leitura em *O Archeologo Português*, III, 291; Hübner, n.º 314. A palavra duvidosamente transcrita começa por dois traços verticais *(IICTOR)*. Descuido do *quadratarius?* Entre as leituras possíveis, o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos e Hübner preferem *lictor*. Já encontrámos um *ostiário;* não seria êste um *leitor* (lector), apesar da sua pouca idade? O descuido tanto se pode admitir numa letra, como em duas.

N.º 26 — MÉRTOLA — ANO 566

Glandarius famulus Dei vixsit annos plus minus XXXVIII requievit in pace Domini die tertio kalendas Iunias era DCIIII

«Glandário, servo de Deus, viveu pouco mais ou menos 38 anos. Descansou na paz do Senhor a 3 das calendas de junho da era de 604» (30 maio 566).

Lápide encontrada no Rossio do Carmo, em Mértola; agora no Museu Etnológico. Falta no ângulo superior esquerdo um fragmento que levou parte da primeira letra. Estácio da Veiga (n.º 8) leu *Alandarius;* Hübner (n.º 307), seguindo o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, preferiu *Glandarius.*

N.º 27 — MÉRTOLA — ANO 566

Hilarinus famulus Dei vixit anno uno mensibus V diebus V requievit in pace die nonas Iunias era DCIIII

«Hilarino, servo de Deus, viveu um ano, 5 meses e 5 dias. Descansou em paz no dia das nonas de junho da era de 604» (5 jun. 566).

Lápide no Museu Etnológico. Descrição e leitura em *O Archeologo Português,* I, 8; Hübner, n.º 308.

N.º 28 — BEJA — ANO 584

† *Severus presbiter famulus Christi vixit annos LV. requievit in pace Domini XI kalendas Novembres era DCXXII*

«Severo, presbítero, servo de Cristo, viveu 55 anos. Descansou na paz do Senhor a 11 das calendas de novembro da era de 622» (22 outubro 584).

Ao cimo, alfa e ómega entre pequenas cruzes. Hübner, n.° 3.

N.° 29 — AROUCA — ANO 586

*Servanda Christi famula vixit annos XLII, quievit in pace Dei IX kalendas Iulias era DCXXIIII*ª

«Servanda, serva de Cristo, viveu 42 anos. Descansou na paz de Deus a 9 das calendas de julho da era de 624» (23 jun. 586).

Aparecida em Arouca, próximo da vila (Hübner, n.° 329). Com o n.° 14, já Hübner tinha registado uma inscrição perfeitamente igual, mas atribuindo-a, segundo Fr. Bernardo de Brito, à povoação de Vide, no concelho de Caria.

N.° 30 — MÉRTOLA — ANO 587

† *Rufina relegiosa famula Christi vixit annos plus minus XXXXV requievit in pace Domini die V kalendas Octobres era DCXXV*

«Rufina, religiosa serva de Cristo, viveu pouco mais ou menos 45 anos. Descansou na paz do Senhor a 5 das calendas de outubro da era de 625» (27 set. 587).

Esta inscrição encontra-se no verso da lápide mencionada com o n.° 14. É encimada por duas cruzes inscritas em círculos.

N.º 31 — LAMEGO — ANO 588

Florentia virgo Christi vixit annos XXI et vita brevi explevit tempora multa obdormivit in pace Iesu quem dilexit kalendas Apriles era DCXXVI

«Florência, virgem de Cristo, viveu 21 anos e em vida breve compreendeu muito tempo. Adormeceu na paz de Jesus, a quem amou, nas calendas de abril da era de 626» (1 abr. 588).

Inscrição achada na ermida de Santa Maria de Seixas (Lamego); Hübner, n.º 21. É encimada por alfa e ómega, separados por uma cruz. Reminiscência do texto bíblico: «Consummatus in brevi, explevit tempora multa» *(Sab., IV, 13)*.

N.º 32 — V.ª N.ª DE REGUENGOS — ANO 593?

† *Dum simul dulcem cum viro carperem vitam*
Ilico me fortuna tulit semper noxsea cunctis.
Vitam dum vixi, Venantia nomen in seculo gessi.
Ter deciens quater in pace quietos pertuli annos.
Ultimum jam solvi devitum comunem omnibus unum.
Hoc loco erga meos elegi (?) quiescere proles,
Nondum quos Dominus vocavit purgatos unda labacri.
Requievit in pace sub die XI kalendas Februarias Era DCXXXI

«Enquanto com meu marido gozava doce vida, arrebatou-me a sorte, sempre adversa a todos. En-

quanto vivi, usei no mundo o nome de Venância. Passei em paz 34 anos tranqüilos. Paguei já o último tributo, único comum a todos. Escolhi repouso neste lugar, junto de meus filhos que Deus ainda não chamou, purificados pela água do baptismo. Descansou em

paz a 11 das calendas de fevereiro da era de 631» (22 janeiro 593).

A leitura é de Hübner — *Noticias Archeologicas de Portugal*, pág. 49, e *I H C*, n.° 12; daqui reproduziu a gravura a *História de Portugal* de Barcelos, I, 322. Trata-se de um carme funerário que, como diz Hübner, «dá uma ideia da rudeza daquela época pela forma tanto das palavras como dos versos». A lápide conserva-se no Museu Arqueológico de Évora; António Francisco Barata, no respectivo Catálogo (n.° 100), considera mal lida a data por Hübner e atribui a inscrição à era de 581 (ano 543).

N.° 33 — MÉRTOLA — SÉC. VI

Adiutor, famulus Dei, requie[vit i]n pace die idus Martias (ou *Maias*)

«Adjutor, servo de Deus, descansou em paz no dia dos idos (15) de março (ou maio)».

Lápide mutilada, descrita em *O Archeologo Português*, III, 291; Hübner, n.° 301.

N.° 34 — MARIM — SÉC. VI

Recessit in pace Filex XII kalendas Iulias

«Félix descansou em paz a 12 das calendas de julho» (20 junho).

Lápide, não datada, no Museu Etnológico; *O Archeologo Português*, I, 179; Hübner, n.° 295, diz que será talvez do século VI e interpreta *Filex* por *Felix*.

N.° 35 — BRAGA — ANO 618

† *Hic requiescit Remismuera in kalendas Maias era DC quinquagies VI die secunda feria in pace amen*
«Aqui repousa Remismuera, nas calendas de maio da era de 656, dia de segunda-feira, em paz, amen» (1 maio 618).

Apareceu esta lápide na igreja de S. Vicente de Infias (Braga). É interessante por indicar o dia da semana segundo a nomenclatura que se conservou em Portugal. Albano Belino, *Archeologia Christã*, pág. 25, e *I H C S*, n.° 380. Diz Hübner que Remismuera parece nome de origem germânica.

N.° 36 — ALVITO — ANO 622?

Taumastus famulus Dei vixit annos plus minus L requievit in pace sub die XVIII kalendas Ianuarias era DCLX
«Taumasto, servo de Deus, viveu cêrca de 50 anos. Descansou em paz a 18 das calendas de janeiro da era de 660» (15 dez. 622).

Inscrição encimada por cruz entre alfa e ómega, existente numa lápide que se encontrava no arco de

S. Roque em Alvito. Duvidosa a leitura da era. Hübner diz que lhe parece mais do século VI do que do VII (*I H C*, n.º 9).

N.º 37 — ALCÁCER DO SAL — ANO 632

Sinticio famulus Dei cognomento Dei domum paterno, traens lineam Getarum, huic rudi tumulo iacens. Qui hoc seculo XII conpleverat lustros, dignum Deo in pace conmendavit ispiritum sub die VI idus Agustas era DCLXX Tibi detur pax a Deo

«A Sintício, servo de Deus, cognominado Casa de Deus (ou Dom de Deus, Adeodato?) pelo lado do pai, descendente dos Getas, depositado neste rude túmulo. O qual, tendo completado neste mundo 12 lustros (60 anos), entregou a Deus em paz o seu digno espírito a 6 dos idos de agôsto da era de 670 (8 ag. 632). Deus te dê a paz».

Êste epitáfio apresenta dificuldades de interpretação, que o próprio Hübner não resolveu. Gravura em *I H C*, n.º 2, de onde foi reproduzida na *História de Portugal* de Barcelos, I, 327. Pontos em forma de fôlha; antes do nome, cruz monogramática com alfa e ómega pendentes dos braços.

N.º 38 — MOGADOURO — ANO 634

† *Protheus fecit Thuresmude uxori sue obiit ipsa sub die VIIII kalendas Ianuarias era DCLXXII*

«Proteu o construíu a sua mulher Turesmuda. Faleceu esta a 9 das calendas de janeiro da era de 672» (24 dez. 634).

Lápide sepulcral de granito, encontrada em janeiro de 1933 no sítio do Prado, têrmo de S. Martinho do Pêso, concelho do Mogadouro, e agora no Museu de Bragança. Gravura e transcrição nas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança,* do rev. P.^e^ Francisco Manuel Alves, tômo IX, pág. 91-92.

N.º 39 — CHELAS — ANO 665

Depositio bonememori Marturi die felicis decem idibus era DCCIII

«Funeral de Martúrio, de boa memória, no feliz dia 10 dos idos (de...) da era de 703» (ano 665).

Inscrição encimada por crísmon, ladeado de alfa e ómega. Encontrou-se no mosteiro de S. Félix de Chelas. Versão duvidosa. Publicada na *Revista Archeológica,* IV, 2, e no *I H C S,* n.º 325; cf. *I H C,* n.º 18.

N.º 40 — S.^ta^ MARIA DOS AÇÔRES — ANO 666

† *Requievit famula Christi in pace Suinthiliuba sub mense Novembres era DCCIIII*

«Suintiliuba, serva de Cristo, descansou em paz, no mês de novembro da era de 704» (ano 666).

Inscrição encontrada na ermida de Santa Maria dos Açôres, a uma légua de Celorico da Beira. Viterbo, *Elucidário*, v. Açores, e Hübner, n.os 20 e 328.

N.º 41 — MÉRTOLA — ANO 706

Afranius presbiter decessit in pace Domini Nostri Jesu Christi die V idus Februarias era DCCXLIIII M. B (?).

«Afrânio, presbítero, morreu na paz de Nosso Senhor Jesus Cristo, a 5 dos idos de fevereiro da era de 744 (9 fev. 706). De boa memória (?)».

É esta a inscrição de mais avançada era que apareceu em Mértola. Encimava-a uma cruz. A lápide, de mármore azulado, extraviou-se com a referida no n.º 1. Estácio da Veiga, n.º 13A, e Hübner, n.º 302.

N.º 42 — TAVIRA — ANO 729

† *Adulteus clericus vixit annos X, requievit in pace die III edus Ianuarias [era] DCCLXVII*

«Adúlteo (ou Adúlcio), clérigo, viveu 10 anos. Descansou em paz a 3 dos idos de janeiro da era de 767» (11 jan. 729).

Lápide proveniente de perto de Tavira, agora no Museu Etnológico. Segundo Hübner (n.º 299) e o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, *Adulteus* está por *Adultius,* de *Adultus.*

* * *

As inscrições dos números seguintes ou não estão datadas ou são simples fragmentos. Aproveitam-se, no entanto, para registo dos nomes:

N.º 43 — BENCATEL

† *Domitia puella vixit annum menses IIII dies XIIII*

«A menina Domícia viveu 1 ano, 4 meses e 14 dias».

Lápide aparecida em Bencatel, perto de Vila Viçosa; *Revista Archeologica*, I, 101, e Hübner, n.º 323.

N.º 44 — CHELAS

Depositio Bonememoriae Otfri[di]
«Funeral de Otfrido (?), de boa memória».

Lápide encimada por crísmon, entre alfa e ómega; aparecida no mosteiro de Chelas. *Revista Archeologica*, IV, 3, e Hübner, n.º 326.

N.º 45 — FARO

Castor vixsit annos LVIII dies XV
«Castor viveu 58 anos e 15 dias».

Lápide encontrada em Faro e ali existente no Museu Arqueológico (Informação do Sr. Dr. J. de Bivar Weinholtz).

N.º 46 — MÉRTOLA

Flavianus [fa]mulus Dei vixit... requi[evit]...

Lápide mutilada, existente no Museu Etnológico. Linda ornamentação, como se vê na gravura. Apenas ficamos a saber que «Flaviano, servo de Deus, viveu... e morreu».

N.º 47 — MÉRTOLA

Ora pro me

«Roga por mim» — piedosa prece, a encerrar uma inscrição que desapareceu com o resto da lápide. No Museu Etnológico; Hübner, n.º 319.

* * *

Registem-se ainda algumas inscrições que, embora

não provenham de monumentos funerários, pertencem à mesma época:

N.º 48 — FERREIRA DO ALENTEJO — ANO 682

† *Hunc denique edificium sanctorum nomine ceptum Iusti et Pastoris martirum quorum constat esse sacratum consumatum est oc opus era DCCXX*

«A obra dêste edifício, começado sob a invocação dos santos mártires Justo e Pastor, aos quais consta que era consagrado, concluíu-se na era de 720».

Nas *Noticias Archeologicas de Portugal*, pág. 25-26, Hübner explica: «Três léguas pouco mais ou menos a sudoeste de Alcácer, na direcção de Beja, no têrmo de Ferreira e ao sul do lugar do Torrão, entre os rios Sado e Xarama, há uma antiga igreja, chamada de Santa Margarida do Sadão, onde existiam, no tempo de Resende, seis inscrições, uma delas cristã, do ano 682, a julgar pela qual a igreja foi originàriamente consagrada aos mártires Justo e Pastor muito reverenciados em tôda a península»; ver também *I H C*, n.º 1.

N.º 49 — MONTEMOR-O-NOVO

[In] nomine Domini [fam]uli Christi [Si]senandus [et I]esabille [f]ecerunt

«Em nome do Senhor, fizeram esta obra Sisenando e Isabel (?)». Hübner, n.º 324.

N.º 50 — ÉVORA

Flecte genu, en signum, per quod vis victa tiranni
Antiqui atque Erebi concidit imperium.
Hoc tu sive pius frontem sive pectora signes,
Nec lemorum insidies expectaraque vana time.

«Ajoelha; é êste o sinal pelo qual foi vencida a fôrça do tirano antigo e derrubado o império do inferno. Se piedosamente marcares com êle a fronte ou o peito, não temas as insídias dos fantasmas nem os espectros enganadores».

A lápide estava no quintal da casa de André de Resende, de onde foi levada para o Museu de Évora em 1868 (*Catálogo* de A. F. Barata, n.º 78). Hübner diz que devia pertencer a uma cruz e que, pela forma da escrita, poderia ser referida ao século VII ou VIII (*Noticias Archeologicas de Portugal,* pág. 49-50).

* * *

No Museu Arqueológico de Elvas há uma placa de mármore, vinda de Campomaior, com curiosa decoração visigótica em que se nota um certo carácter muçulmano (R. de Serpa Pinto, em «A Águia», ano XX, n.º 2); entre os motivos decorativos, vêem-se dois monogramas em que nos parece ler: *Monasterio Silvester.*

Num tejolo encontrado perto de Santa Clara de Almodôvar, lia-se: *Lupicus vivit (I H C,* n.º 199).

Num anel achado em Caetobriga e que esteve na posse de el-rei D. Luís, lia-se: *Aloisae vivas in [aeternum (?)]* (*I H C*, n.° 204).

No castelo de Lanhoso, apareceu esta inscrição: † *Petrus aep[iscopu]s*. Hübner diz que lhe parece do séc. VII ou VIII (*I H C*, n.° 135 a).

Encontraram-se também em Portugal três inscrições gregas cristãs: uma em Mértola, na campa de um Zózimo, filho de Polínios (Estácio da Veiga, n.° 14); outra em Tavira, numa ara tendo de um lado uma pomba e do outro um cacho de uvas (Hübner, *Notícias*, pág. 33), e outra em Beja (Id., *ibid.*, pág. 50). As duas primeiras conservam-se no Museu Etnológico.

Existem enfim pequenos fragmentos lapidares em que se deciframapenas algumas letras ou símbolos cristãos. Tais são os que reproduziu Estácio da Veiga, na *Memória das Antiguidades de Mértola*, com os n.os 1, 2, 9, 10, 11, 12 e 13, e que podem ver-se agora no Museu; ver também *I H C*, n.os 4, 5, 8, 15, 16 e 19.

...«Apagaram-se as letras: comeu o tempo as pedras; também as pedras morrem» — dizia Vieira.

Simbolos egypcio de uso cristão – p 13
Preservação do corpo para [illegible] – p 14

edições
letras e artes

1 — P. Miguel de Oliveira e
P. Moreira das Neves

A PADROEIRA DE PORTUGAL

2 — José Monteiro

A ALTA SUCESSÃO DE UM PRELADO

3 — P. Antónia Pires

GIL VICENTE, POETA DE NOSSA SENHORA

4.— P. Miguel de Oliveira

EPIGRAFIA CRISTÃ EM PORTUGAL

Pedidos à **União Gráfica**
R. de Santa Marta, 158 — Lisboa